

AS ATIVIDADES DOS OSKARS SCHINDLERS BRASILEIROS

Isaac Cubric⁴⁷

A peste negra, a Inquisição, as Cruzadas, pogroms (perseguições) nos mais diversos países e nos mais diferentes períodos.

Não se pode negar que a Humanidade tem uma longa tradição de eventos trágicos.

E o povo Judeu, em sua Diáspora, teve no Holocausto seu período mais nefasto.

Não há fantasia humana capaz de encontrar palavras que descrevam a dimensão e a barbaridade dos horrores nazistas. O Holocausto representa o total fracasso dos valores humanos, tendo a máquina da morte e da destruição da Alemanha nazista lançado uma grande interrogação sobre a própria existência da Humanidade como tal.

E os efeitos do Holocausto fazem-se sentir até os dias de hoje. Muitas e muitas gerações hão de se perguntar: como, por que e para que? Como foi possível que tudo aquilo ter acontecido? O escritor Elie Wiesel, prêmio Nobel, ele mesmo sobrevivente da inominável barbárie nazista, fala da totalidade de experiência e da universalidade do fracasso de todo o gênero humano, quando diz que “todas as pessoas estavam comprometidas com sua condição: o assassino com seu crime, a vítima com seu destino e os que assistiam com sua indiferença”.

⁴⁷ Brasileiro, divorciado, natural do Rio de Janeiro, pai de três filhos e avô de oito netos. Formado em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas de Niterói e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Niterói ambas, atualmente, parte integrante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Fez diversos cursos na Aliança Francesa do Rio de Janeiro, inclusive o de tradutor/intérprete e professor pela Universidade de Nancy, França, falando fluentemente Francês, Hebraico e Idish, expressando-se satisfatoriamente em Espanhol, Inglês e Italiano.

Como tradutor, verteu para o Português inúmeras obras de Georges Simenon, Michel de Emden entre outros, inclusive a obra de Claude Simon, “As Geórgicas”, prêmio Nobel de Literatura.

Como funcionário protocolar da Embaixada de Israel no Rio de Janeiro, recebeu e acompanhou personalidades daquele país amigo, quando em visita oficial ao Brasil: merecem destaque, o Presidente Zalman Shazar, os Ios. Ministros Golda Meir e David Ben Gurion, o 1º Ministro Menachem Begin, o Ministro das Relações Exteriores Abba Eban, os Generais Itzhak Rabin e Ariel Sharon o ministro Nathan Sharanski, Abba Kovner, que com sua esposa Vita Kempner, lideraram o Levante do Ghetto de Vilna, o inesquecível prefeito de Jerusalém Teddy Kolek. Como diretor da Jewish Agency for Israel no Brasil, teve como superior hierárquico, Michael Gilead, ex-inspetor-chefe da Polícia de Israel e testemunha de acusação do processo contra Eichman em Jerusalém.

Foi Diretor Cultural da Sociedade Hebraica de Niterói, Diretor Executivo da FIERJ e um dos produtores do programa “Comunidade na TV”.

É atualmente Diretor Cultural do Centro de Letras do Paraná, Secretário/ Tesoureiro da B'nai B'rith do Paraná, tendo sido Presidente do Rotary Club de Curitiba Santa Felicidade, gestão 2005/2006, pertence atualmente ao Rotary Club de Curitiba.

Sendo judeu o Holocausto faz parte de sua história de vida, muito especialmente por terem seus avós demais parentes do lado paterno sido aprisionados, dentro do moinho da propriedade, incendiado pelos alemães quando da invasão da Rússia em 1941. Ao longo de sua vida, particularmente nas várias vezes que esteve em Israel, assistiu palestras depoimentos, filmes, leu livros e revistas procurando uma razão que justificasse o genocídio injustificável. Calaram fundo em sua alma, os relatos no Kibutz israelense, denominado “Lochamei Hagetaot” –Combatentes do Guetos, que à época abrigava inúmeros sobreviventes daquela barbárie.

Não é um historiador, mas um leitor assíduo de tudo o que surge sobre o assunto.

O povo Judeu perdeu um terço de seus integrantes nas mãos dos carrascos nazistas – a elite de seus filhos e filhas, cientistas, filósofos, pensadores, músicos, advogados, economistas, industriais, banqueiros, pessoas cujo brilho invulgar e cuja capacidade de produtividade foram selvagemmente decepidos, por uma única razão: eram judeus! Ricos ou pobres, jovens ou velhos, homens ou mulheres, bebês, crianças e adolescentes, todos inexoravelmente condenados à morte.

A máquina de extermínio era conduzida como uma linha de produção, controlada por meio de gráficos, tabelas, dados estatísticos, que quase levaram ao extermínio da população judaica; como se os seis milhões não bastassem, havia planos para atingir mesmo os judeus de países como Irlanda e Inglaterra, na chamada Operação Reinhardt. Dados estes, aliás, de fontes nazistas, ajudaram e ainda ajudam a comprovar, através de documentação irrefutável que o Holocausto realmente existiu e não foi mera invenção de um povo que pretendia, através de vitimização coletiva, mudar a triste e fantasiosa fama que os acompanhava historicamente.

No entanto, naquelas horas sombrias, havia uns poucos, indivíduos cujos feitos luzem como estrelas brilhantes no mais negro dos céus que a humanidade jamais vislumbrou. Pessoas que, no desempenho diário de suas ocupações, se recusaram a se desumanizar, se recusaram a voltar seus rostos para o outro lado, a agir com a indiferença cruel e covarde de tantos outros. Pessoas que, arriscando suas vidas, agiram de acordo com sua consciência. Esta minoria, representa o símbolo da proverbial vitória do bem sobre o mal, mas seus feitos excedem em grandeza qualquer ato de heroísmo conhecido. Eles arriscaram sua existência, sua posição, sua segurança e a de seus familiares, para salvar os perseguidos. Pois salvar vidas num mundo envolvido em ódio, interesses e violência, não era uma atividade comum. Salvar vidas de pessoas desconhecidas, verdadeiros farrapos humanos, quando concreta e pessoalmente, não se sofria nenhuma ameaça. E, isto, com as perspectivas piores possíveis, se descobertos. Eles perceberam que a salvação daquelas vidas era um preceito de devoção à luta pela sobrevivência de uma parte da própria humanidade. Opor-se ao crescimento do nazismo com risco da própria vida, marcou para sempre dois cidadãos, que hoje reverenciaremos.

A solidão dos Judeus entregue aos seus próprios carrascos pelo abandono do mundo, foi bem expressa por Simcha Kajak Roten, um dos raros sobreviventes do levante do Ghetto que puderam escapar à sanha dos nazistas e seus sequazes. Ele errava no meio de ruínas fumegantes enquanto do lado ariano a vida continuava como se nada tivesse acontecido. “Eu me lembro que de um momento para o outro senti uma estranha sensação de tranquilidade, de serenidade e disse para mim mesmo: eu sou o último Judeu, eu vou esperar o amanhã, eu vou esperar os alemães!”

Até a França, cujo amor pelos judeus não é dos mais calorosos, solicitou perdão, publicamente, pela deportação de mais de 70 mil judeus, tudo feito com a anuência e particular colaboração e empenho das autoridades policiais francesas

Figuras são mais do que merecidamente reverenciados, Oskar Schindler e Emilie Schinder, Irena Sendlorowa, Lars Berg, Raoul Wallenberg, diplomata sueco, Paul Ramadier, político francês e sua esposa Maguerite, o padre capuchinho Marie Benoit, o Padre Jacques, Aristides de Souza Mendes, cônsul de Portugal em Bordeaux, e outros mais. Até a França, cujo amor pelos judeus não é dos mais calorosos, solicitou publicamente perdão pela deportação de mais de 70 mil judeus, tudo realizado com a anuência e particular empenho e colaboração das autoridades policiais francesas.

Mas e o Brasil, com sua política a favor do Eixo e de matizes profundamente antisemitas? Qual a colaboração de heróis anônimos, nesta parte do planeta que parecia estar tão distante e inatingível, para que brasileiros sentissem alguma preocupação?

Incorreríamos numa inconcebível falta se esquecêssemos dos heróis da Força Aérea Brasileira (FAB), dos nossos pracinhas da FEB, que sem experiência de guerra voltaram cobertos de glórias e dos tripulantes da Marinha Mercante, cujos navios foram covardemente torpedeados nas costas brasileiras, sem que o Brasil houvesse entrado oficialmente no conflito.

Lembremos, embora rapidamente sobre o Yad Vashem que representa “A autoridade de Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto” e é o memorial oficial do Estado de Israel para lembrar as vítimas do Holocausto.

O nome tem origem no versículo bíblico “E a eles darei a minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome (Yad Vashem) que não será arrancado” (Isaias, 56;5). Situado em Jerusalém no Monte da Recordação, onde entre outros departamentos existe um dedicado aos Não Judeus, que salvaram Judeus, com risco de suas próprias vidas – como citamos acima e que são honrados pelo Yad Vashem como Justos entre as nações. Os Justos recebem um certificado de honra e uma medalha e seus nomes são recordados no Jardim dos Justos entre as nações, também conhecida como a “Avenida dos Justos Gentios”

E neste sacrosanto local dois personagens, infelizmente pouco reconhecidos no Brasil pelo meritório trabalho em favor dos judeus, fazem parte desta importante comunidade de heróis, com cerca de 20 mil pessoas

Mas como, Jerusalém é a cidade dos milagres, vamos permitir que nossa imaginação nos leve longe e possamos vislumbrar suas almas angelicais passeando, encontrando-se umas com as outras, rememorando seus feitos heróicos.

E, de repente chega até nós uma figura conhecida, diplomata de valor e homem de coragem, além e acima do que isto possa significar. Quem será ele? É uma figura conhecida. Será? Sim, realmente, é o nosso diplomata Souza Dantas. Ele para e nos encara fixamente. Você não é amigo do Fabio Koifman⁴⁸, aquele que nos retirou do limbo da história?

Sim, sou eu mesmo, mas na verdade ele é amigo de meu filho, mas eu o conheço bem, Embaixador. E começamos então a relembrar o passado..

Você começou cedo sua carreira diplomática, o que lhe trouxe tanta experiência de vida, não é? Já em 1916, foi nomeado ministro interino das relações exteriores, quando por algum tempo respondeu pelo Itamaraty, sendo então nomeado embaixador em Roma. E veja só, em fins de 1922 foi designado embaixador do Brasil na França, cargo em que permaneceu até 1944, chegando a ser o decano do corpo diplomático, por ser o embaixador há mais tempo em missão na capital francesa.

Mas, embaixador, nem tudo foram flores neste período, verdade?

Pois é, com a rendição da França aos alemães, e sua divisão em ocupada e livre (eufemismo para não ocupada) foi instalado um Governo colaboracionista fantoche na cidade de Vichy e nós fomos obrigados a acompanhá-lo. Eu tinha plena consciência de que os alemães eram portadores de uma nova ordem, impregnada de mal, que justificava qualquer tipo de ato ordenado em nome do Reich.

E como você se sentiu abandonando sua amada Paris?

Você bem pode imaginar....

Mas, confesse você já vinha intercedendo em favor dos refugiados desde sua partida da capital. Aliás, me contaram que você começou a emitir os primeiros vistos “irregulares” de próprio punho e que beneficiavam não apenas judeus, mas homossexuais, comunistas e qualquer um ameaçado pelo nazismo. É verdade? Mas isto não era irregular, pois um embaixador só poderia conceder um visto pessoalmente em casos excepcionais, além de

⁴⁸ O historiador Fábio Koifman em sua magnífica obra “Quixote nas Trevas – o Embaixador Souza Dantas e os Refugiados do nazismo” Repertoriou 473 nomes que comprovadamente contaram com a ajuda direta, sem a qual não poderiam ter deixado a Europa. Certamente muitos nomes ficarão ausentes desta lista, pois nem todos se dirigiram ao Brasil. Citaremos aqui alguns dos mais conhecidos, outros com quem tivemos o privilégio de manter contatos, assinalados com um asterisco:

Marcel Leom Bernheim*; Jean Kaplan; Adam Borbrowski; Paula Borbrowski; George Blad; Fritz Feigl* (cientista de fama mundial, cotado para o Prêmio Nobel); Regine Feigl*; Silvia Gluck; Mihail Gluck; Lucien Hirsch; Jules Hirsch; Louis Jules Jovet; Jeoschua Kostman*; Betty Majzels*; Ernest Moritz; Hella Moritz*; Louis Steurman*; Marcel Steurman; Zalamans Snejers*; Nuta Strozenberg*; Rachel Strozenberg; Solomon Strozrnberg; Zbigniew Ziembinski (famoso diretor teatral); Raphael (Ralf) Zimetbaum* (meu particular amigo); Jakub Stieglitz; Rozenberg Erick.

cumprir uma série de formalidades burocráticas, e da obrigação de informar a “origem étnica do estrangeiro? E ainda assim, no caminho para Vichy você concedeu vistos em cidades como Bordeaux e Perpignan? E as regras do governo brasileiro, as taxas, as transferências bancárias, as declarações, atestados e as perguntas sobre a origem étnica dos pretendentes. Como você conseguiu?

Que regras, que nada, meu filho. Tudo isto tinha como finalidade impedir a entrada de refugiados no Brasil. Se você conhecesse a quantidade de circulares restritivas emitidas pelo próprio Getúlio Vargas, Filinto Müller, Oswaldo Aranha e outros democratas, você cairia sentado e nós não sairíamos daqui hoje.

“Embaixador, soube que o Sr. emitiu cerca de 500 vistos diplomáticos entre meados de junho de 1940 e dezembro do mesmo ano, quando o proibiram formalmente de emitir qualquer visto. Mas mesmo depois de repreendido e proibido, nos primeiros meses de 1941, refugiados receberam vistos com datas anteriores a 12 de dezembro.

“Isto só fazia parte do meu trabalho. E assim dizendo, com um breve aceno ele se foi.”

Com a ocupação da totalidade da França, a representação brasileira em Vichy, passou por maus bocados. Souza Dantas recebeu a intimação de que deveriam deixar a cidade em 24 horas, juntamente com todo o pessoal da Embaixada, sob ameaça de sanções por parte da Gestapo. Mesmo protestando junto ao Governo francês, o grupo foi obrigado a viajar em um trem fortemente vigiado, com as portas dos vagões trancados. Ficaram detidos na cidade de Mont d’or, por cerca de duas semanas, sempre vigiados por soldados. Desta cidade, seguiram para a Alemanha onde permaneceriam internados por cerca de 14 meses.

Ao chegar ao Brasil este que foi cognominado de “Embaixador das Nações” não foi alvo das atenções merecidas. Poucas notas nos jornais e as publicadas evidentemente passavam pelos órgãos de censura.

Mas foi a imprensa portuguesa que proporcionou ao embaixador um espaço muitas vezes maior do que a brasileira.

Foram inúmeras as peripécias de Souza Dantas desde sua chegada ao Brasil, a passagem pelo Estado Novo e o seu falecimento em Paris em 1954.

Em 2003, foi-lhe outorgado pelo Yad Vashem o título de “Justo entre as Nações” sendo-lhe conferido, post mortem, o diploma e a medalha correspondentes. Homenagem mais do que merecida a um brasileiro que honrou de maneira incontestável o nome de seu país.

Agora meus amigos, professores, autoridades, falaremos da segunda personalidade brasileira inscrita como “Justo entre as nações. Alguém sabe o nome, onde nasceu, ou qualquer outra referência sobre ela?

Ela que foi conhecida como o Anjo de Hamburgo, agiu realmente um verdadeiro anjo. Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, viúva de um dos maiores escritores que este país já produziu, João Guimarães Rosa (Sagarana, Grande Sertão Veredas só para citar os mais conhecidos

Pois pasmem! Nossa heroína nasceu em 20 de abril de 1908 em.....RIO NEGRO, no nosso Paraná. Filha de pai brasileiro e mãe alemã, casou-se em primeiras núpcias com Johan von Tess de quem se separou após 5 anos de casamento. Seu gênio rebelde e seu espírito de independência levou-a ao que se chamava na época de “desquite amigável”. E vocês podem imaginar o que era na época “mulher desquitada”

Partiu para a Alemanha em 1934 a fim de morar com uma tia, com seu filho Eduardo Tess, então com a idade de três anos. Era dotada de personalidade dinâmica, falando e escrevendo fluentemente o alemão, o francês e o inglês.

Não lhe foi difícil encontrar trabalho na legação brasileira em Hamburgo onde, entre outras atribuições era encarregada da seção de vistos. Encontrou uma Alemanha em estado de convulsão. Hitler e seus discursos inflamados haviam conseguido arrebatado o povo alemão, conduzindo-o na direção de uma política fascista e racista principalmente contra os judeus e os comunistas. E isto não se coadunava com seus princípios.

No Brasil, Getúlio Vargas decreta o Estado novo e proíbe a entrada de judeus no Brasil. Os consulados ficaram proibidos de conceder para pessoas de origem “semita”, eufemismo usado para os perigosos judeus.

Eduardo Tess, comenta “Minha mãe achou a proibição absurda e continuou a dar vistos para quem a procurava”. Contrariando as ordens de Getúlio e de seus superiores no Itamaraty, Aracy encontra meios de introduzir os passaportes no meio da papelada burocrática que o cônsul despacha todos os dias. São assim salvos centenas de judeus que de outra forma terminariam seus dias nos campos de extermínio nazistas. Conta-se que alguns ela conseguiu salvar levando-os na mala de seu próprio carro até a fronteira da Dinamarca.~

O “Anjo de Hamburgo” ajudou a esconder judeus e levar-lhes alimentos. Refugiados relataram que ao embarcar em um navio eram escoltados a bordo pela funcionária do consulado, que lhes devolvia as jóias e dinheiro que lhes pertenciam, a fim de evitar que fossem apreendidos pelas autoridades nazistas.

Aracy enfrentou o nazismo sem gozar das imunidades garantidas aos diplomatas pois era apenas funcionária consular.

Chegou então a Hamburgo, como cônsul adjunto, o escritor João Guimarães Rosa, casaram-se em 1940, no ano seguinte ao início do Segundo Conflito Mundial.

Em 1942 retornaram ao Brasil depois de enfrentar dificuldades com as autoridades nazistas devido à entrada do Brasil na guerra

Mas o heroísmo de Aracy (Ara) como era conhecida não termina com a odisséia alemã. Durante o período de repressão dos anos de chumbo ocultou em sua casa o cantor e compositor Geraldo Vandré, vítima dos esbirros da ditadura.

Diversas homenagens no Brasil e no exterior, a última delas em Curitiba, finalmente jogaram luzes sobre a vida daquela mulher discreta que ficou conhecida como o Anjo de Hamburgo.

Um fenômeno literário como “Grande Sertão: Veredas, publicado em 1956 oferece logo de início uma menção a ela: A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro”.

Hoje, aos 91 anos com a saúde debilitada pelo Mal de Alzheimer, quem sabe, nos recônditos de sua memória, surjam os nomes de Albert Féis, Grethe Jacobsberg, Tuch, Katzenstein, Hilde Meinrath, Dr. Hugo Levy, Frederico Heilborn e centenas de outros que devem a sua coragem e desprendimento a vida e a liberdade.